

SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL

A TRAGÉDIA LATINO- AMERICANA

1—2 MAR 2017

A COMÉDIA LATINO- AMERICANA

4—5 MAR 2017

© PATRÍCIA CIVIDANES



FELIPE HIRSCH BRASIL

Capital
Ibero-americana
de Cultura

LISBOA
2017



PASSADO E PRESENTE



teatro

estreia nacional

1, 2 mar

A TRAGÉDIA LATINO- AMERICANA FELIPE HIRSCH BRASIL

Quarta e quinta, 21h
Sala Luis Miguel Cintra

4, 5 mar

A COMÉDIA LATINO- AMERICANA FELIPE HIRSCH BRASIL

Sábado, 21h; Domingo, 17h30
Sala Luis Miguel Cintra

Falado em português e castelhano
e legendado em português
€12-€15 (com descontos €5-€10,50);
Passe Tragédia&Comédia: €20-€25
(com descontos €10-€12,50)
Duração: 3h30 (com intervalo)
m/14

**4 mar – Conversa com a equipa
artística após o espetáculo
moderada por António Pinto Ribeiro
(Coordenador de programação de
Passado e Presente - Lisboa, capital
ibero-americana de Cultura 2017)**

Projeto criado especialmente para
o Sesc São Paulo. Estreia na Mostra
Internacional de São Paulo MITSP (*A Tragédia
Latino-Americana*). Estreia no MIRADA Festival
Ibero-Americano de Artes Cênicas de Santos
(*A Comédia Latino-Americana*).

Desenvolvendo as dramaturgias mais
diversas, urgência e ousadia, são
bases de trabalho para o encenador
carioca Felipe Hirsch que ao longo
de 30 anos realizou dezenas de obras
entre a escrita, o cinema e o teatro.
Com a sua Companhia Ultralíricos,
traz-nos uma Tragédia e uma
Comédia que indissociáveis se
baseiam num conjunto de textos
de autores latino-americanos, dos
mais desconstrutivistas autores da
América Latina, onde se incluem
Roberto Bolaño, Guillermo Cabrera
Infante, Dôra Limeira, Marcelo
Quintanilha e Gerardo Arana.

Autores: Augusto de Campos, Dôra Limeira,
Gerardo Arana, Glauco Mattoso, Guillermo
Cabrera Infante, Horacio Quiroga, J.P. Zooey,
J.R. Wilcock, Juan Villoro, Leo Maslíah, Lima
Barreto, Marcelo Quintanilha, Maria Luisa
Bombal, Nicanor Parra, Pablo Katchadjian,
Pablo Palacio, Paulo Leminski, Reinaldo
Moraes, Roberto Bolano, Salvador Benesdra,
Samuel Rawet, Sergio Sant'anna, Teresa Wilms
Montt/Teresa de la Cruz. (seleção de textos/
autores sujeita a alterações)

Direção geral: Felipe Hirsch

Música: Arthur de Faria; Direção de arte:
Daniela Thomas, Felipe Tassara; Figurinos:
Veronica Julian; Iluminação: Beto Bruel;
Sonoplastia: Gustavo Breier; Crítico interno:
Ruy Filho; Com: Caco Ciocler, Caio Blat, Camila
Márdila, Georgette Fadel, Guilherme Weber,
Inés Efron, Javier Drolas, Julia Lemmertz,
Magali Biff, Maria Gal, Nataly Rocha, Pedro
Wagner, Rodrigo Bolzan; Músicos: Arthur de
Faria, Adolfo Almeida Jr., Mariá Portugal, Pedro
Sodré; Direção técnica: Bruno Girello; Diretor
de palco Nietzsche; Contra-regra Saulo
Santos; Operador de luz: Igor Sane; Fotografias:
Patrícia Cividanes; Direção de produção:
Luís Henrique (Luque) Daltrozo; Produção
Internacional: Ricardo Frayha

"Aqui tudo parece
Que era ainda
construção
E já é ruína..."

Caetano Veloso

in *Fora de Ordem*

Construções e Desconstruções

Por Ruy Filho (Crítico)

Naquele dia, o homem resolveu seguir pelo mar e chegou aonde chegou. Olhou, encontrou outros, descobriu um mundo novo construído sem ele e diferente. Matou milhões, dominou os demais e impôs mais do que sua presença. Modificou costumes, transformou e extinguiu línguas, eliminou civilizações. Sim, porque naquelas terras não haviam povos, apenas; eram civilizações inteiras, seculares. O homem não se importou, era necessário agir, e o desconstruiu sem qualquer dificuldade. Trouxe novos homens, muitos à força. Convidou alguns. E insistindo ficou. Dominar e se apropriar era fundamental ao seu projeto. Assim, afirmava-se na Europa o Moderno, e por aqui, a barbárie. Construía-se lá um novo tempo que perdura em dominação até

esse momento. Já o "aqui", esse nem tão específico lugar, é na verdade um continente inteiro. Hoje, construído nas sobras de dezenas de países. Somos, os brasileiros, parte dele, mas nem tanto. Cabemos na geografia, questões, dilemas. Idiomas diferentes, entre o português e o castelhano, e nossos irmãos hermanos, ficaram assim meios primos, que observamos desinteressados por cima de um muro imaginário e indiscutivelmente concreto. Nesses falsos dois lados, pouco circula em séculos. Um vai-e-vem pragmático aos negócios e governos; pouco disponível à contaminação entre habitantes e culturas; pouco aberto às mudanças; pouco de muito que poderia. Uma falsa sensação de aproximação; desconstruções que não chegam a sequer se efetivar no plano histórico, *quicá* no simbólico. No nosso pedaço desse "aqui", o tempo passou eliminando cada vez mais o interesse em escalar o muro para o olhar descobrir paisagens. Se não pelos homens e políticos, caberia à arte dar conta de atravessá-lo, escalá-lo, destruí-lo. Nem ela. Então, às palavras, para trazerem ao menos pensamentos. Nem isso. E não por falta de produção. Ah, as livrarias espalhadas por Buenos Aires e o labirinto latino-americano em seus corredores... Somos um país pateticamente desprovido de interesse pela leitura. Do que nos adiantam pensamentos impressos? Somos corpos. Somos felizes assim. E, ainda quando interessados, os devaneios latino-americanos raramente ocupam nossas estantes. Construímos um estado de solidão tão profunda capaz de anular um continente inteiro, enquanto nos classificamos como um continente que se faz e basta em si. Ao não olhar para o lado, o Brasil perde a complexidade presente apenas no pertencimento mais profundo frente à história humana. Por isso a urgência desses dois espetáculos complementares: *A Tragédia Latino-Americana* e *A Comédia Latino-*

A TRAGÉDIA LATINO-AMERICANA



© PATRÍCIA CIVIDANES



A COMÉDIA LATINO-AMERICANA

© PATRÍCIA CIVIDANES

Americana. Desista, desde já, da tentativa de compreendê-los pelas classificações óbvias, esse é mesmo um exercício desnecessário. A tragédia é um tanto cômica, como é trágica a comédia. Afinal, alguém se arrisca a desassociá-las, ao falar sobre esse algum lugar que somos, e tão radicalmente paradoxal? É preciso aceitar nossa peculiaridade. Digo "nossa", agora, assumindo-nos parte, integrante, hermanos de nossos irmãos. Construímos e desconstruímos a nós mesmos, os latino-americanos, incessantemente, em uma espécie de revisão inútil de atos e escolhas. Construímos independências e desconstruímos as liberdades em governos autoritários, que sucumbiram em democracias destruídas com ditaduras que, por sua vez, se foram com as democracias modernas, e que hoje... Bom, é sempre melhor esperar a história, quando se referir à América Latina. Nada em nós é tão linearmente simplificado. Nesse movimento ininterrupto, construção e desconstrução se confundem por ideologias, lutas, batalhas, conquistas, equívocos, equívocos e equívocos. A violência faz parte de um vocabulário imposto e natural, desde o primeiro instante. Corpos expostos como objetos aos colonizadores; expostos nos carnavais e festas desancestralizadas, tornadas mercados de produtificação do novo indivíduo-objeto. Corpos que se negociam em times de futebol sem direito à própria voz, exportados como modernos escravos, para propiciar entretenimento aos senhores e enriquecimento aos patrões. Aos poucos, o continente deixou de servir ao extrativismo depredatório, passamos ao ambiente perfeito, em escala industrial, de corrupções morais e efetivas, pelas quais se lambuza e diverte o ex-primeiro mundo manipulando com invejável facilidade; eles, os revisores do Moderno de lá de trás, em seus esforços de globalização. Viramos uma espécie de laboratório do

consumo inútil, de desejos desnecessários à informatização sucateada estúpida. Uma América que deslocada em seu próprio espaço, ainda útil às experimentações civilizatórias de seus senhores. Enquanto apenas parece nos mantemos um tanto alienados. Mas não todos. Se colecionássemos nossos pensamentos descobriríamos que muitos se voltaram a pensar, falar e escrever sobre nós e quem somos e não. A literatura latino-americana, em sua dimensão fantástica, criou espaços tangenciais aos domínios, em suas múltiplas faces, ao ser inventiva e surpreendente. Sempre. E se trata também de reunir parte desse acervo de percepções e ideias, sem preocupações de catalogações ou sistematizações, ambos os espetáculos. No acúmulo de vozes de nosso continente, espelhamos as condições e possibilidade de quem somos e queremos ser. Um espetáculo de cada vez, porém. Agora é *A Tragédia Latino-Americana*. Textos, autores, visões de mundos pularam os muros e invadiram a sala de ensaio para encontrar artistas prontos a descobri-los. E, ao fim, a certeza maior é de termos sido nós os descobertos. Ou, melhor, redescobertos. Conquistamos, enfim, um pouco mais a sensação de pertencemos àquilo a que de fato pertencemos.

Muralhas e Palavras

Por Ruy Filho (Crítico)

Estamos aqui, nisso denominado América Latina. E ao usarmos "aqui", muito está dimensionado e explicado. Aqui é lugar, é onde, parte própria, parte outra, um lado específico, espaço separado dos demais. Ou, ao menos, distante o suficiente para caber em tal consideração. Se entendido o aqui apenas como continuação interrompida da mesma coisa, muito se resolveria. Talvez não coubessem tantas diferenças, tampouco julgamentos. Ocorre significar aqui também o em mim, o eu, meu. Aprendido a ignorá-los, não se justificariam, por conseguinte, a pessoalização extremista, as proteções dos sistemas de poder, as intempéries morais. Ainda que seja inequívoco sermos uns diferentes dos outros, a diferença é a única certeza sobre quanto somos diferentemente iguais às demais espécies, justamente por nossa humanidade. Está no reconhecimento do outro a condição narcísica da própria importância; o outro como o rascunho torto e caricato daquele que o encontra. Por isso a complexidade do diverso. O outro, então, nada mais é do que uma variação do tema via idiossincrasias. Seria ainda um alívio descobrir ser o lado de lá apenas o lado de lá por ser a constatação fundamentalmente manipulada pela cultura de como devemos observar a tudo e todos sempre em relação. Ora, se devemos, é por existir algo, alguém que assim determina. Religiões fazem isso. Políticas fazem. Organizações também. Pessoas, cada vez mais. E vamos assim, estruturando o mundo em partes, em lados, dividindo os participantes nos papéis de donos e serviçais; nesses modos de viver e pensar falsamente naturais e definitivos. Entretanto, chegamos ao tempo das insurreições. Vamos para cima, pulamos as cercas,

derrubamos os muros, invadimos os espaços, organizando reações pelas... rede sociais e *smartphones*? Curioso. Adivinhe qual papel estamos fadados a interpretar nessas rebeliões. Em outras palavras, os discursos contrários reafirmam a importância dos combatidos; silenciar-se, por sua vez, não é mais aceitável. Há nisso certa ironia cínica, assumamos. E só resta tentar meios de escapar aos discursos e ideologias programáticas, esses propositores da substituição de uma moral por outra. Algo viável somente pelo convívio com novas experiências. Ocorre também a arte sucumbir por imposições de poéticas estabelecidas por um certo lado, interesse, sistema, mercado ao outro. Sem perceber, partimos criando vanguardas afirmativas sobre as diferenças, em uma espécie de submisso documentário sócio-político cultural com caricatura de autoajuda messiânica, aprisionados na dialética, no eterno entre eles e nós. Eles, aqueles, os mesmos de sempre; nós, apenas nós mesmos, os daqui, os dessa América Latina fadada a servir. E nada mais. Porque também à percepção da história e da identidade foram estabelecidos limites, jeitos, lados. De palavras, de escolhas, de gestos, de vergonhas, de expectativas, de idiomas, de sentimentos, de tentativas, de respostas, de anseios, de medos, de aceitações.

Muralhas são proteções consequentes aos processos civilizatórios. Desde sempre. Mas para quem? Erguem-se paredes às casas para conter e separar o próprio. Em condomínios, para não corromper com a sociedade imperfeita a ambiência ideal. Entre cidades, restringindo acessos e impondo limites às contaminações culturais. Separando pessoas, em autoafirmações suicidas. Pelos próprios artistas, na tentativa de estabelecerem diferenças e valores; e essas sim são as mais altas e perigosas, pois separam o pensamento do horizonte crítico expansivo, limitam

ao circunscrito, minimizam ao óbvio. O mundo cada dia mais simplificado, seguro, reativo às transformações. Assim se imagina e quer. Muros, e são muitos, parecem importantes aos dias de hoje. Dezenas de novos estão em construção entre cidades e países; propostos também por estúpidos, mas não só, propostos por nós, dividindo-nos em mais e mais lados. Conquistaremos a patética tranquilidade de bilhões de unidades isoladas por proteções físicas, concretas, estruturais, psicanalíticas, morais, simbólicas. Sorte daquele que estiver do lado certo. Sorte? E será mesmo que existe certo, quando há lados em disputa? Tanto na aceitação da permanência ao espaço limitado imposto, quanto no confronto por querer o de lá, revela-se uma comicidade trágica. Se ficarmos, nada muda. Se atravessarmos, nada muda. Pois atravessar significa deixar para trás, superar, chegar, estar. Nada disso muda existirem mais que um. O contemporâneo, portanto, inventou a improbabilidade do mesmo, do comum, em seus muitos aspectos. Essa é a grande provocação paradigmática do novo século. É o tom teatral da nossa condição. A parede indestrutível. Não. Nada é ou pode ser tão definitivo. Insurgir pelo riso, rindo de si mesmo e assumir que somente assim, falando sério sobre o quanto é impossível falar a sério sobre tudo, é que se poderá deslocar-se por dentre as brechas imperceptíveis disponíveis e confrontar os vários lados dessa estrutura amórfica irrepresentável. Ao se questionar o inteiro, iguala-o, lineariza-o, transforma-o em um único espaço e situação, torna possível de fato o agir. Por isso *A Comédia Latino-Americana* é diferente. Não aponta simplesmente o alguém ou algo para solucionar os dilemas, mas para substantivar as contradições presentes também em nós e não mais e apenas nos outros, nos de lá. Convida o espectador a vivenciar um

estado reflexivo diferente, provocativo, inesperado, no qual os lados se liquefazem, libertam-se, ainda que a liberdade mesma seja complexa de ser entendida exatamente por não ser palpável, apenas uma sensação. Um espetáculo cujo argumento amplia o quão cômico é esse estado produtificado por certezas às quais nos apegamos e acomodamos. A resposta é o teatro deixar de se fazer como um algo ali, acontecimento a ser assistido, isolado nele mesmo, limitado ao útil, para passar a nos encontrar, invadir, confrontar, intrometer. Com humor, com sensibilização, com ironia, com silêncios, com tentativas, com riscos. Um teatro feito a partir da desconfiança de si mesmo, estruturando a cena principalmente na presença e verbo. Atores e histórias. Essas coisas velhas que apenas os teatros insistem sustentar como proposições estéticas e narrativas. Bom, entre, atravesse a porta. Até porque, não há outra maneira de se encontrar com ele. É, eu sei. Dizer isso é tão previsível que chega a ser idiota. Mas quem não o é, em dias como esse, em que fazer um espetáculo que não imponha discursos e regras parece a mais inútil das escolhas? Anime-se. Há um espetáculo incrível e verdadeiro lá dentro. Há atores inacreditáveis do outro lado. Há respostas e caminhos, de alguma maneira, pois interpretações são inevitáveis e bem-vindas. E, quem sabe, isso tudo é só mais uma das minhas provocações. Afinal, aqui estamos para ver uma comédia. Então, espero que se divirta nessa que é sobre nós mesmo, ainda que isso assuste, sobre o nosso aqui, ainda que isso seja triste. Lamento Brecht, o dadaísmo presente no caos venceu suas tentativas de ordem, e o cabaré é mais branco e preto agora, ainda que latino. E isso, sim, não foi uma ironia.

Pode ler a entrevista de fundo de Ruy Filho a Felipe Hirsch nas páginas dos espetáculos em www.teatrosaoluiz.pt



Capital
Ibero-americana
de Cultura

LISBOA
2017

PASSADO E PRESENTE



LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL

em breve

conferência

25 mar

O DESEJO DE VIVER EM COMUM

Sábado, 10h-18h
Jardim de Inverno

Entrada livre (sujeita à lotação da sala)

Com Adalberto Cardoso (Brasil), Patricia Jacquelyne Balbuena Palacios (Peru) Renata Bittencourt (Brasil), Omer Freixa (Argentina), Veena Das (Índia), Patrícia Vieira (Portugal).

Moderação de Margarida Calafate Ribeiro

O 'viver em comum' constituiu, na passagem do séc. XX para o séc. XXI, matéria de debate social e político em que se envolveram pensadores, alternativas políticas e alguns artistas. Era no tempo em que um multiculturalismo de formato *light* ainda era pensado como possível e que, aparentemente, traduzia uma certa maneira de olhar de alguma urbanidade europeia. Mas deste olhar, ingénua nuns casos, e cínico noutros, era escamoteado num conjunto complexo de situações explosivas que se têm vindo a manifestar nos últimos 15 anos na Europa e que atingem o seu clímax com a criação da fortaleza europeia contra os refugiados.

NO SÃO LUIZ POSSO...

Comprar um bilhete suspenso Começa por ser uma forma de oferecer a alguém a oportunidade de assistir a um espetáculo no Teatro São Luiz. O bilhete custa 7 euros e fica suspenso na bilheteira para usufruto de pessoas apoiadas pelas entidades às quais o São Luiz se associa: Albergues Nocturnos de Lisboa, Associação Coração Amarelo, Associação Gulliver, Associação SOL, Lar Jorbalán, Fundação Luís António de Oliveira, Casa de Abrigo da APAV ou CMPL – Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa.

São Luiz Teatro Municipal – **Direção Artística** Aida Tavares **Direção executiva** Joaquim René **Programação Mais Novos** Susana Duarte **Adjunta direção executiva** Margarida Pacheco **Secretária de direção** Olga Santos **Direção de produção** Tiza Gonçalves (Diretora), Susana Duarte (Adjunta), Andreia Luís, Margarida Sousa Dias **Direção técnica** Hernâni Saúde (Diretor), João Nunes (Adjunto) **Iluminação** Carlos Tiago, Ricardo Campos, Sara Garrinhas, Sérgio Joaquim **Maquinistas** António Palma, Cláudio Ramos, Paulo Mira, Vasco Ferreira **Som** João Caldeira, Nuno Saias, Ricardo Fernandes, Rui Lopes **Responsável de manutenção e segurança** Ricardo Joaquim **Secretariado técnico** Sónia Rosa **Direção de cena** José Calixto, Maria Távora, Marta Pedroso, Ana Cristina Lucas (Assistente) **Direção de comunicação** Ana Pereira (Diretora), Elsa Barão, Nuno Santos **Relação com os públicos** Inês Almeida **Design gráfico** SilvaDesigners **Registo e edição vídeo** Tiago Fernandes **Bilheteira** Ana Ferreira, Cristina Santos, Soraia Amarelinho **Frente de casa** Letras & Partituras **Coordenação** Ana Luísa Andrade, Teresa Magalhães, Cristiano Varela **Assistentes de sala** Ana Sofia Martins, Catarina Ribeiro, Carolina Serrão, Cláudia Moita, Beatriz Cuba, Daniela Magalhães, Gonçalo Cruz, João Cunha, Manuela Andrade, Raquel Pratas, Ricardo Resende, Rita Resende, Sara Fernandes **Segurança** Securitas **Limpeza** Astrolimpa